

Rede de afetos: sociabilidade e sexualidade entre idosos no Facebook

*Amanda Cristina Nery da Venancio da Silva*¹
*Lara Roberta Rodrigues Facioli*²
Universidade Federal do Paraná

Resumo: O artigo tem como objetivo abordar formas de uso das mídias digitais como espaço de vivência da sexualidade entre idosos. A pesquisa foi realizada mediante o acompanhamento de um grupo na plataforma *Facebook*, utilizando a metodologia do *Lurking*, isto é, o acompanhamento sem interação com os usuários. Os resultados obtidos indicam que o grupo foi percebido pelos idosos como um potencializador de sua sociabilidade, onde interagem por mensagens, *GIFs*, imagens e montagens feitas e compartilhadas por eles. A sociabilidade ali experienciada é um catalisador da sexualidade entre os membros, que se manifesta por meio do câmbio de mensagens flertivas, discussões, fotos e vídeos íntimos. Notou-se que a troca romântica e sexual dos idosos reflete os atravessamentos sociais de gênero, sexualidade e geração que rompem, tanto com estereótipos sobre a velhice, quanto com a imagem recentemente constituída de que idosos em rede somente compartilham desinformação.

Palavras-chave: velhice; sexualidade; mídias digitais; sociabilidade; gênero.

¹ Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, é licenciada em Ciências Sociais pela mesma instituição.

² Doutora em Sociologia, é professora do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba; do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Network of affections: sociability and sexuality among older adults on Facebook

Abstract: The article aims to address ways in which digital media are used as a space for experiencing sexuality among the elderly. The research was conducted by monitoring a group on the Facebook platform, using the Lurking methodology—that is, observing without interacting with the users. The results indicate that the group was perceived by the elderly as a tool that enhanced their sociability, where they interacted through messages, GIFs, images, and collages created and shared by themselves. The sociability experienced in that space acted as a catalyst for sexuality among the members, expressed through the exchange of flirtatious messages, discussions, and intimate photos and videos. It was noted that the romantic and sexual exchanges among the elderly reflect the social intersections of gender, sexuality, and generation, which challenge both stereotypes about old age and the recently constructed image that elderly people online merely serve to spread misinformation.

Keywords: elderly; sexuality; digital media; sociability; gender.

Red de afectos: sociabilidad y sexualidad entre adultos mayores en Facebook

Resumen: El artículo objetiva abordar formas de uso de los medios digitales como espacio de vivencia de la sexualidad entre personas mayores. La investigación se realizó mediante el seguimiento de un grupo en Facebook, utilizando la metodología del *lurking*, la observación sin interacción con los usuarios. Los resultados obtenidos indican que el grupo fue percibido por los adultos mayores como un potenciador de su sociabilidad, donde interactúan a través de mensajes, GIFs, imágenes y montajes. La sociabilidad experimentada en ese espacio actúa como un catalizador de la sexualidad entre los miembros, que se manifiesta a través del intercambio de mensajes coquetos, discusiones, fotos y videos íntimos. Se observó que el intercambio romántico y sexual entre personas mayores refleja las intersecciones sociales de género, sexualidad y generación, que desafían tanto los estereotipos sobre la vejez como la imagen recientemente construida de que las personas mayores en redes solo sirven para difundir desinformación.

Palabras clave: vejez; sexualidad; medios digitales; sociabilidad; género.

Este texto se inicia com trecho do caderno de campo construído ao longo do período de elaboração de trabalho de conclusão de curso, desenvolvido no curso de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Paraná, no ano de 2023. Muito embora a pesquisa não seja sobre as experiências e vivências da avó de uma das autoras, é importante ressaltar que seus processos de interação em redes sociais serviram de inspiração para a proposta investigativa que dá origem a este artigo.

Vivendo enquanto dona de casa, sem emprego formal, passando as horas tricotando roupas de bebê e vendo reprises de novelas no Canal Viva, minha avó, atualmente, não tricota mais. Aos 79 anos, agora viúva, passa seus dias fazendo montagens de fotos para postar em seu Facebook. Em 2013, apresentei a ela o meu passatempo favorito da época, as redes sociais. Inicialmente fascinada com a possibilidade de rever e conversar com familiares e amigos através das mídias digitais, logo, sua diversão passou a ser conhecer novas pessoas e fazer amigos. Atualmente, sua participação não se centra a algum grupo, mas sim, em adicionar ou ser adicionada por pessoas de diferentes regiões do Brasil e, por vezes, do mundo e publicar suas fotos da juventude recriadas por ela todos os dias. É em torno de tais fotos, publicadas diariamente, que a sua sociabilidade se movimenta. Por meio de comentários, curtidas e reações, o seu círculo social permanece ativo na rede e é alimentado também por conversas particulares.

É a partir de tais interações que a presente pesquisa surgiu. A ideia de como idosos usam as mídias digitais e interagem a partir delas suscitou dúvidas e curiosidades que fazem-nos querer relacionar ideias sobre afetividade, velhice e dinâmicas de sociabilidade em rede.

A internet se torna um tema de destaque ao observarmos que, no país, em 2023, 72,5 milhões de domicílios tinham acesso à internet, conforme aponta o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística–IBGE, através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Módulo de Tecnologia de Informação e Comunicação-PNAD TIC³.

Nos lares brasileiros, o celular está presente em 96,7% dos domicílios fixos. Além disso, 66,0% dos idosos brasileiros são usuários da internet e 76,1% possuem celular para uso pessoal. Um número que demonstra a potencialidade que a internet empreende na vida humana, em diferentes faixas-etárias. Quando dados indicam um alto uso dos brasileiros das mídias digitais, pergunta-se quais as finalidades dessa utilização, ao que se observa que 94,6% e 91,1% dos acessos são, respectivamente, para conversar por chamadas de voz ou vídeo e enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens. Os acessos para uso das redes sociais ocupa a quarta posição, acumulando 83,5% das finalidades de movimentação (PNAD, 2024: 14).

Ainda que altos, os usos da internet pela pessoa idosa não superam os dos grupos mais jovens. Com aparelhos e conteúdos direcionados, em sua maioria, para a juventude, as corporações de tecnologias parecem criar aplicativos para

³ De acordo com PNAD TIC, em 2024 existiam 74,9 milhões de domicílios com acesso à internet.

idosos que se restringem a proteger senhas, coletar dados de saúde, aumentar o tamanho das letras do celular e estimular o consumo de jogos.

As pesquisas e dados são centralizados também na população mais jovem, e considera-se basilar a ideia de que os usos das tecnologias digitais são atrelados a “interesses próprios, habilidades físicas e digitais” (CETIC, 2019: 1)⁴. Assim, os usos são alinhados às características dos grupos e indivíduos, de forma que se alteram com o avançar da idade.

O hiato digital, isto é, a discrepância no uso das mídias digitais entre idosos e a população mais jovem, ainda é um fato. No entanto, o ritmo de crescimento dos usos das mídias digitais é mais acelerado entre os idosos em específico, mesmo antes da pandemia⁵, com um aumento dos acessos em 56% entre 2015 a 2017. Porém, ainda assim, “um quarto da população idosa é usuária de Internet, enquanto a média nacional corresponde a 67% da população brasileira, o que confirma a magnitude do hiato digital” (CETIC, 2019: 3).

Os idosos seniores, entendidos como aqueles com 74 anos ou mais, são compreendidos enquanto uma categoria onde o hiato digital se destaca, visto que os usos das mídias digitais por este subgrupo, diminuem (CETIC, 2019). Apesar disso, o aumento de utilização da rede por idosos é algo que parece crescer ao longo do tempo, o que evidencia maior digitalização das relações entre este público e mesmo maior interesse pelos mais velhos nas dinâmicas de conexão.

A inserção da pessoa idosa nas mídias digitais, bem como o alto uso dos dispositivos móveis, alerta para os possíveis resultados também provocados pela pandemia de coronavírus. Diante do isolamento social, as mídias digitais representaram uma possibilidade de contato entre os seres humanos impedida pelo risco biológico de contaminação pelo vírus fatal. De acordo com pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação-CETIC, em 2020 houve um aumento no uso da internet durante a pandemia. Enquanto no ano de 2019, 71% dos domicílios acessam as mídias digitais, em 2020 esse número cresceu 12%, atingindo o percentual de 82%. Ainda, em relação ao mesmo período houve um crescimento de 7% dos usuários da internet, chegando à marca dos 81% (CETIC, 2020).

A internet é compreendida, principalmente, enquanto espaço de interação da pessoa idosa. Alguns benefícios acerca do uso das mídias digitais por este grupo refletem o potencial intelectual da busca por informações, de socialização via conversas e interações, qualidade de vida com acesso a dicas de saúde física, mental e bem-estar social. Também se faz presente os usos relacionados à diversão por meio de jogos e conversas, estabelecimento de companhias e desenvolvimento de competências, com vistas ao estímulo de maior autonomia da pessoa idosa (FERREIRA, ALVES, 2011).

Além disso, as tecnologias digitais são apreendidas enquanto possibilidade de manutenção da autonomia das pessoas mais velhas por meio do uso de aplicativos de transporte, *delivery*, agendamento de consultas ou atendimentos e realização de compras. Nesse sentido, a pessoa idosa pode, a partir de tais tecnologias, se tornar mais presente em seus relacionamentos e propiciar a manutenção de seu dia-a-dia, saúde e lazer (DUQUE, 2022). A pesquisa de Marília Duque, em consonância com o que desenvolvemos neste texto, compreende que o *smartphone* redefine o que é envelhecer no Brasil contemporâneo. Ele se transforma

⁴ O uso das mídias digitais pela população idosa é dependente não somente do interesse deste grupo para as ferramentas tecnológicas, mas também para com suas habilidades no uso dos diferentes dispositivos.

⁵ A Covid 19 é uma doença respiratória causada pelo coronavírus com uma alta taxa transmissibilidade e foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) enquanto uma pandemia mundial no dia 11 de março de 2020. Diversas medidas de controle do vírus foram tomadas, como a suspensão de aulas.

em uma “casa” ou um “baú”, no sentido de que não é visto apenas como uma ferramenta, mas como um espaço pessoal e íntimo onde os idosos armazenam, organizam e revivem suas memórias, identidades e relações.

Por outro lado, um conjunto de pesquisas evidencia que são os idosos ativos em rede, atravessados por um excesso de estímulos e informações, o grupo mais propenso a espalhar *fake news* (CASSIMIRO, 2022; MENEZES, 2022). Aspecto que tem levado a iniciativas nacionais de cursos de formação para este público, como a Unidade de Inclusão Digital do Idoso, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujo intuito é promover uma espécie de letramento digital dos idosos, com vistas a explicar como funciona o ambiente digital e em que consiste a desinformação.

É através dos dados supramencionados que o artigo pretende se desenvolver, mobilizando aspectos sobre usos das mídias digitais pela população idosa, com base em observação feita na plataforma do *Facebook*. De antemão, define-se que a pessoa idosa é aquela com sessenta anos ou mais, como indica a legislação brasileira (Lei 8.842, 1994), muito embora no grupo analisado a categoria de idoso se amplie de modo a poder abarcar também pessoas mais jovens. No ano de 2022, de acordo com Censo IBGE, os idosos que se encontravam nessa faixa etária representavam 15,6% da população total do país com expectativa de vida de 76,4 anos (IBGE, 2023).

Em um mundo intensamente mediado pela tecnologia, desde os serviços bancários, serviços de saúde, busca por relacionamentos afetivos, para mencionar alguns exemplos, os idosos são, por vezes, escanteados no que toca às possibilidades de experiências vivenciadas por meio da tecnologia, assim como no que se refere a própria pesquisa acadêmica direcionada ao entendimento de suas relações, desejos e anseios.

O imaginário predominante, por muito tempo, de evitação da velhice, estimulava na população uma noção de que esta fase seria composta somente por perdas inevitáveis, regadas a doenças, dependência e passividade, impossibilitando a noção de uma velhice heterogênea (DEBERT, 1999).

No momento de intensificação e popularização dos usos das mídias digitais no Brasil, fundamentalmente, após 2010, quando se pensava em mídias digitais, a imagem que se fazia era de jovens que utilizavam diversos tipos de ferramentas técnicas para as mais diversas funções, quase que de forma naturalizada. A ideia de um idoso conectado geralmente surgia acompanhada da figura de tutela do uso, ou seja, via de regra, seria necessário alguém mais jovem capaz de ensinar as habilidades com a máquina, atuando na recuperação de contas e senhas.

Nas redes sociais são inúmeros os memes que reproduzem esse imaginário, no tom de piada e deboche, ainda no presente. Imagens e vídeos mostram, por exemplo, mulheres mais velhas, mães e avós que reclamam de filhos e netos com pouca ou nenhuma paciência de promover um ensinamento sobre como utilizar as ferramentas tecnológicas.

Os papéis sociais da pessoa idosa eram e, por vezes, são assumidos como reduzidos (DEBERT, 1999). Não era esperado que houvesse uma forte manifestação social, afetiva e sexual dos membros da terceira idade, sendo, inclusive, muitas vezes reprovados, fundamentalmente em dinâmicas conectadas. O trecho abaixo, retirado do comentário de uma recente matéria do Jornal Folha de São Paulo, evidencia que, mesmo o público mais velho da atualidade, acaba enredado por essas percepções e discursos fixos sobre a velhice:

Mirian, sou sua leitora há muitos anos, adoro quando você escreve sobre bela velhice e seus amigos nonagenários. Fiquei muito emocionada e até chorei com a sua coluna 'A amante do meu pai'. Mas, sinceramente, não gosto quando você escreve sobre sexo. Tem tanta coisa mais interessante para escrever sobre as mulheres maduras, por que você escreve tanto sobre sexo? Já me aposentei há muito tempo do amor e do sexo. Não sinto a menor falta. Por que você não escreve sobre menopausa? (FOLHA DE SÃO PAULO, 2023)

Incomodada com as reflexões da antropóloga e colunista Mirian Goldenberg escritas ao jornal, o fragmento acima é a resposta de uma de suas leitoras. Consoante a comentadora, a velhice passiva e pacífica é aceita, atrelada à razão e a biologia da menopausa. O exercício da sexualidade não pode fazer parte da velhice, de forma que o amor e o sexo, vistos como menos acessíveis para as mulheres maduras, poderiam ser substituídos por debates mais práticos sobre o funcionamento do corpo.

Diante dos problemas de saúde existentes nessa fase, a dinâmica social pode assumir que não há um papel ativo da sociabilidade da pessoa idosa, imaginando-se, também, um enfraquecimento do círculo social desta diante das mortes e aposentadorias existentes dos seus parceiros idosos. Essas pressuposições refletem, em alguma medida, a realidade de parte dos idosos brasileiros.

Conforme o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) aponta, o isolamento social é concebido enquanto “um déficit objetivo na rede social, resultando na redução das interações sociais” (IPEA, 2024: 8). No país, 4,3% dos idosos não têm nenhum familiar ou parente, as amizades sofrem declínio; 22% dos idosos entre 60 a 64 não têm relações de amizade. Na faixa dos 80 anos, o percentual sobe para 29,2%. A relação entre envelhecimento e isolamento social é evidenciada através das pesquisas que refletem o contato das pessoas idosas com outros indivíduos e a qualidade destes contatos como algo importante para o agravamento de doenças como determinados tipos de demência e Alzheimer. De acordo com Cipolli e Falcão (2017), o enfraquecimento dos laços sociais para com tais idosos é mais rápida, no entanto, “constatou-se que o frequente suporte emocional das relações sociais foi relacionado aos sentimentos reduzidos de solidão e melhor funcionamento cognitivo”. Assim, é a partir do contato social que não apenas a solidão pode ser reduzida, mas também o avanço declínio cognitivo.

Este artigo, portanto, propõe-se a explorar algumas formas de utilização das mídias digitais por idosos, tentando compreender esses usos para além do imaginário social ainda presente em nosso contexto acerca da velhice e da sua relação com a internet e com as plataformas digitais. Diferenciamos, de forma breve, o entendimento de mídias digitais e o de plataformas. A primeira se localiza na desmaterialização da informação, viabilizada por códigos interpretados pelo computador - em contraste com as mídias analógicas como vinil, fotografias, gravações e jornais que estão materializadas em plásticos, papéis e metais (MARTINO, 2014). A segunda se refere a redes controladas por empresas ou instituições. As plataformas dependem das mídias digitais para funcionar e se estruturar (IPEA, 2023: 7).

Levamos em consideração que o cenário de uso da internet por esse público não somente mudou, de maneira que eles estão engajados online, inclusive mobilizados politicamente como, por exemplo, em torno da divulgação de *fake news*. Mas, o que mais os idosos fazem em rede e como? Tentamos responder, mesmo que de forma inicial, um pouco dessas indagações mostrando conflitos e negociações na sociabilidade de idosos no *Facebook*.

Nos concentramos, especificamente, nos limites e potencialidades das mídias digitais enquanto espaço para a vivência da sexualidade entre idosos, ressaltando

também maneiras de interação, repertórios digitais e vocabulários que constroem os usos realizados por essas pessoas.

Durante a pesquisa observamos os códigos de afetividade em um grupo de idosos na plataforma do *Facebook* que chamaremos, neste artigo, de O GRUPO, com vistas a proteger, por meio do anonimato, as sociabilidades e as identidades das pessoas que ali interagem, uma vez que o espaço de análise é público e aberto para acesso.

Os códigos observados foram entendidos enquanto expressões do grupo de ordem afetiva, isto é, reações, postagens e comentários que tratassem de amor, amizade e sexualidade. Para apreensão de tais códigos, utilizou-se da observação através da pesquisa *lurking* (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011), que garante acompanhamento sem interação direta com os sujeitos da pesquisa.

Esse método permite a leitura das postagens do grupo sem que precise ser identificada a pessoa pesquisadora e não requer a participação ativa por comentários, conversas curtidas ou reações. O pesquisador assume, portanto, o papel de um observador que “espreita” ou “ouve” as conversas e dinâmicas que ocorrem naturalmente naquele espaço, sem se anunciar ou interferir no fluxo de comunicação. Sem qualquer intervenção ou participação ativa, o *lurking* permite mapear a chamada netiqueta (etiqueta da internet), ou seja, os jargões, os tópicos tabu, os líderes de opinião e as regras sociais não escritas da comunidade. Da mesma forma, o método *lurking* permite estudar como se formam opiniões, como surgem conflitos, como se espalham informações (ou desinformação) e como se constroem identidades coletivas de forma orgânica, sem a influência do pesquisador.

Como método quase indispensável para pesquisar comunidades que discutem temas delicados (como problemas de saúde, sexualidade, opiniões políticas radicais) ou que são fechadas e desconfiadas de forasteiros, a presença de um pesquisador poderia inibir as discussões ou até levar à sua expulsão do grupo. Para essa pesquisa, tendo em vista o debate em torno do gênero e da sexualidade, observar sem ser vista e sem interferir no campo nos pareceu a melhor estratégia.

É importante ressaltar que o fato de O GRUPO ser aberto, facilitou as dinâmicas investigativas, sem a necessidade de aprovação de moderadores, por exemplo. Porém, por outro lado, esse formato nos impediu de acessar a percepção dos sujeitos a respeito do grupo e das interações em rede, bem como mais proximidade com usuárias e usuários a ponto de saber sobre suas vidas íntimas e experiências afetivas.

O ponto de vista ético da pesquisa, aspecto mais sensível às investigações cujo método é a prática *lurking*, se mostra aqui devidamente embasado pelo imperativo de garantir o anonimato absoluto dos participantes na divulgação da pesquisa e do próprio grupo. Nesse sentido, é impossível localizar na rede as falas e dinâmicas aqui mencionadas e vinculá-las a grupos específicos, uma vez que ocultamos toda e qualquer possibilidade de identificação do campo. Da mesma forma, nos certificamos de que as falas reproduzidas aqui pudessem levar ao grupo por meio das ferramentas de busca da Google.

Isto posto, buscaremos, na primeira sessão, apresentar O GRUPO e suas formas de interação. Neste momento apontaremos como são realizadas as postagens e como os sujeitos interagem com elas e uns com os outros. Em seguida, passamos para o desenvolvimento das noções do imaginário que cerca a pessoa idosa, finalizando, então, com os resultados apontados pela pesquisa, que trazem uma reflexão acerca dos conflitos em torno da sexualidade vivida pelos idosos através das mídias digitais.

Mecanismos de interações: afeto, sexo, sociabilidade e religião

Criado em 9 de março de 2019, O Grupo já tem seis anos de duração, no ano de escrita deste texto, em 2025, e quase 60 mil membros. Dentre os grupos que apresentam o perfil procurado, o maior concentra 149 mil usuários, e os menores concentram menos de mil. Dessa forma, o grupo é entendido como médio em termos de quantidade de membros, no cenário de buscas realizadas.

A procura foi realizada por meio da função de pesquisa da plataforma *Facebook*, a partir de termos que se referem às pessoas idosas (terceira idade, idosos e melhor idade). Os resultados indicaram grupos de diversos tamanhos. No entanto, tendo em vista o acesso limitado, com a restrição de usuários com idade inferior a sessenta anos — sendo este o caso das pesquisadoras — e, ainda, a inserção ser condicionada ao aceite de moderadores, os maiores grupos não foram selecionados como objeto da investigação.

Todos os dias, a comunidade recebe mais de uma centena de publicações e mais de trezentos novos membros por semana, em média, aspecto que podemos constatar observando O Grupo diariamente. A movimentação de publicações e interações da comunidade é intensa e diária. Quase todas as publicações feitas não passam despercebidas, tendo respostas por comentários, curtidas e reações.

A grande maioria dos posts são acompanhados de imagens e de um texto curto, indo de apenas uma frase a no máximo duas linhas. Algo que chama a atenção é o fato de que boa parte das imagens postadas é de *selfies* acompanhadas por saudações, apresentações pessoais e convites para conversas privadas e/ou na própria publicação.

Dentre as *selfies*, a maioria delas é feita no interior do espaço doméstico, o que nos permite visualizar um pouco do cenário de habitação dessas pessoas e o que nos conduz a notar que grande parte delas, habitam moradias que podem ser entendidas como de classe média e baixa. São comuns fotos em casas de mobília simples, paredes descascadas, guarda roupas, sofás e estantes mais próximas a uma certa aparência de móveis populares. Às vezes, mas mais raramente, são postadas imagens tiradas em viagens, geralmente em roteiros nitidamente nacionais, ou em academias de musculação, aspecto bastante valorizado nas interações do grupo.

As imagens são acompanhadas de legendas que se direcionam a dizer “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite” ou algum tipo de apresentação mais detalhada sobre si e suas intenções no grupo, via de regra, compostas por um desejo de fazer amigos ou paquerar e, até mesmo encontrar um parceiro amoroso e sexual. Também é comum que a textualidade expressa nas interações aponte para mensagens motivacionais, pensamento que a pessoa mesma se dedicou a construir ou que pegou de algum pensador ou pensadora altamente disponível em mensagens de internet.

Legendas como “Olá, sou nova no grupo e entrei na esperança de encontrar um homem trabalhador e honesto que queira ter um relacionamento verdadeiro” (sic. I. O., 2023), ou “Nossa vida é uma constante viagem, a paisagem muda, as pessoas mudam, as necessidades se transformam, mas o trem segue adiante” (sic. A. A.F., 2023) ou ainda “Olá, meu nome é Célia, moro em Recife-PE. Tenho um

coração bem pequeno, mas quando eu me apaixono... Meu coração se torna grande!”⁶ (sic. C., 2023).

As interações com estas selfies caminham no sentido de deixar ali sua curtida, seu elogio, seu cumprimento e, para as mensagens motivacionais, sua concordância com o assunto explicita em comentários que caminham no sentido de dizer “que bela reflexão”, “você tem razão”, “concordo, meu amigo/minha amiga”.

Geralmente, nas postagens, é possível observar marcadores de gênero bastante claros e constituídos com base em uma perspectiva relacional e binária. O grupo é, fundamentalmente, composto por mulheres e homens cisgênero e integrados em uma dinâmica afetiva e sexual explicitamente heteronormativa. Em todas as postagens acompanhadas não havia nenhum indício, esforço ou mesmo algum conflito que pudesse apontar para uma maior heterogeneidade de experiências de gênero e sexualidade.

As mulheres são mais ativas no grupo e, por vezes, é possível observar as publicações das mesmas usuárias mais de uma vez por dia. As postagens feitas por homens, com uma frequência muito maior, são seguidas de convites para conversas românticas e sexuais. Da mesma forma, os comentários masculinos costumam ser aqueles de tom mais direto e mais chamativo no que toca à dimensão de possibilidade do estabelecimento de relação sexual. É curioso notar que, mesmo aquelas interações onde prepondera o desejo sexual direto, são atravessadas por uma certa tentativa de parecer cortês ou mesmo um sujeito religioso, ou de fé: “eita mulher linda, que sorriso maravilhoso, gostaria de te conhecer”; “que deus te abençoe, você é linda, podemos conversar no privado?”, “BOA TARDE, PRINCESA LINDA E MARAVILHOSA. QUE MARAVILHA! QUE NOSSA SEXTA SEJA, SUPER MARAVILHOSA E ABENÇOADA”.

A religiosidade cristã é aspecto também dominante na sociabilidade ali estabelecida. Apesar de não ser o principal meio de interação, as imagens de paisagens com frases religiosas são bem presentes e acompanhadas de termos como “Amém”, “Deus abençoe”, “paz do Senhor”, assim como, os comentários das publicações contêm, frequentemente, o mesmo teor.

Nesse sentido, é interessante observar como o mesmo grupo mobiliza uma série de mensagens que vão desde aquelas cujo teor romântico e sexual está permitido — “delícia”, “que homem bonito e forte”, “gostaria de alguém para namorar” — assim como promove uma mescla com textos motivacionais e aqueles com conteúdo religioso cristão — “Que deus abençoe o dia de vocês”.

As interações no grupo correspondem a outros marcadores sociais, como a dimensão geracional fortemente apontada na descrição, que deixa claro o fato de que o objetivo ali é conhecer e interagir com outras pessoas da mesma idade. Pela apresentação do grupo, pessoas com menos de 50 anos, não são bem-vindas. No entanto, é possível encontrar pessoas de 55, 56, 57, 58 e 59 anos atuantes no grupo.

O termo “terceira idade” é largamente utilizado e presente nas descrições do grupo, nas diretrizes e nas discussões. Entre os indivíduos com sessenta anos ou mais o termo “idoso” e variantes não são utilizados, sendo preferível termos como terceira idade ou melhor idade, quase que como uma dimensão moral indicadora de que “idoso”, assim como “velha” e “velho”, são termos inapropriados, pejorativos e que, portanto, não devem ser usados.

⁶ Para os trechos selecionados, consideramos a melhor opção corrigir possíveis erros ortográficos e gramaticais, mesmo que eles demonstrem o perfil do público. Entendemos que a leitura dos trechos fica mais fluida dessa forma e que, quando necessário, voltaremos ao debate em torno desses erros.

É importante destacar também o estereótipo que o envelhecimento carrega para parte da sociedade brasileira, posto que, para muitos, este ainda é um “mal” a ser evitado e prevenido a qualquer custo. Ainda se alimenta no senso comum a ideia de que a velhice é representada por ausências de papéis sociais diversos, sendo o idoso visto como improdutivo e inativo e, diante disso, destinado à exclusão e ao esquecimento. Posto isso, a velhice passa a ser interpretada como uma fase de perdas, que contemplam as relações sociais, o mundo do trabalho, qualidade de vida, vitalidade, saúde, sexo, o aspecto financeiro e de bens.

No entanto, como já observado por Guita Grin Debert (1999), na dinâmica social, os velhos são sempre os outros e, quase nunca, o próprio sujeito, o que associa o termo “velho” ou mesmo “idoso” a algo que está ultrapassado e que é inadequado. No afã de evitar a velhice, surge um conjunto de bens e serviços que atuam no sentido de manter o corpo jovem ou de, ao envelhecer, manter-se ativo, musculoso e eficiente. São procedimentos estéticos, reposições hormonais, atividades físicas, serviços de viagens e esportes direcionados ao público mais velho que atuam, cada vez mais, na construção da imagem de um idoso cada vez mais jovem e ativo, apesar das décadas de vida.

No contexto das mídias digitais, isso se faz presente com um conjunto de perfis e páginas produzidas por *influencers* com mais de 60 anos, que apresentam diariamente sua rotina de dieta, exercícios físicos e atividades semelhantes ao que se esperaria de uma pessoa na faixa etária dos 20 ou 30 anos. No Instagram, por exemplo, existe uma série de memes e vídeos que mostram idosos musculosos ou *body builders* da terceira idade acompanhados de frases ou comentários como “está bem difícil ser velho hoje em dia”, “na minha época os velhos eram diferentes” ou “na minha vez de ser velho, os velhos estão assim”. Trata-se de uma tentativa de mostrar que envelhecer agora é ser ativo e forte, algo a ser conquistado com disciplinas, regras e autocontrole.

No caso d’O Grupo, é possível perceber que a evitação do uso dos termos velho/velha ou idoso/idosa, somados à mobilização de figuras e linguagem típicas da redes, parece comportar o intuito de consolidar um ar de “ser descolado” perante a audiência. Da mesma forma, essa prática torna viável a atração sexual ser mantida, possibilitada e até intensificada com a postagem de fotos e vídeos na academia de ginástica, do corpo, em festas. No grupo, fica subentendido que “velhos” não transam, não festejam, não flertam, enquanto “pessoas da terceira idade ou da melhor idade” são aquelas que mantêm acesa a chama do desejo sexual, da produtividade e da vida ativa.

A partir das fotos, também foi possível observar as dimensões do perfil étnico/racial dos usuários. A maioria das pessoas é branca e as interações e elogios nas imagens postadas por homens e mulheres brancos são maiores do que o contrário. A dimensão de classe também evidencia os próprios preconceitos do grupo. Aquelas imagens mais bem diagramadas, de pessoas brancas, com um fundo de foto explicitamente bem estruturado, cujos cenários são limpos e organizados, apresentam interações mais intensas e positivadas.

Quando existe escrita nas postagens costuma haver presença de erros ortográficos, gramaticais e de concordância, na maioria dos posts. Também é frequente que textos longos apresentem problemas de formatação, espaçamentos inadequados e excessos de uso de figurinhas, emojis, imagens e *GIFs*. Estes aspectos falam não somente do que pode ser a formação educacional dos usuários e usuárias do grupo, mas também uma forma específica de construir a mensagem em rede, seja com palavras cortadas, seja com uso de caracteres em caixa alta e

com um conjunto de emojis, por vezes desconexos e sem sentido, dentro do que é esperado pela linguagem digital.

O próprio nome do GRUPO: DA TERCEIRA IDADE, redigido todo em letras maiúsculas e com a indicação de “grupo” no título, demonstra a forma de redigir o texto destes indivíduos. Diferentemente dos nativos digitais que compreendem as palavras, textos e frases em caixa alta como reforço, discordância ou indignação, as pessoas do grupo se utilizam das maiúsculas, muitas vezes, para igualmente reforçar seu posicionamento ou ideia, mas também como um ajuste do tamanho da letra tornando a leitura acessível.

Sobre essa forma de usar a linguagem em rede, alguns autores chamam de sotaque digital e vinculam-no a uma dimensão geracional da vida, que compõe nossas relações sociotécnicas. O sotaque digital aponta para a própria textualidade em si e pode até mesmo atingir a materialidade das relações como, por exemplo, o ato de ter que imprimir um texto para lê-lo, de forma a acessar a dimensão mais palpável do documento:

É importante fazer esta distinção: como os Imigrantes Digitais aprendem – como todos imigrantes, alguns mais do que os outros – a adaptar-se ao ambiente, eles sempre mantêm, em certo grau, seu “sotaque”, que é, seu pé no passado. O “sotaque do imigrante digital” pode ser percebido de diversos modos, como o acesso à internet para a obtenção de informações, ou a leitura de uma manual para um programa ao invés de assumir que o programa nos ensinará como utilizá-lo. Atualmente, os mais velhos foram “socializados” de forma diferente das suas crianças, e estão em um processo de aprendizagem de uma nova linguagem. E uma língua aprendida posteriormente na vida, os cientistas nos dizem, vai para uma parte diferente do cérebro. Há centenas de exemplos de sotaque de imigrante digital. Entre eles estão a impressão de seu e-mail (ou pedir a secretária que o imprima para você – um sotaque ainda “mais marcante”); a necessidade de se imprimir um documento escrito do computador para editá-lo (ao invés de editá-lo na tela; e trazer as pessoas pessoalmente ao seu escritório para ver um web site interessante (ao invés de enviar a eles a URL). (PRENSKY, 2001: 2)

No grupo há uma preferência pelas reações rápidas e pelo uso de imagens, GIFs e figurinhas, de forma que o uso de textos acaba sendo secundarizado. No grande sistema *gashapon* – a partir do qual as redes sociais são operadas, entre interação e recompensa – as reações existentes no *Facebook* respondem às ideias de interesse, afeto, flerte, compaixão e tristeza. O *like* pode significar simpatia ou menosprezo a depender da situação; no “amei” pode caber o afeto familiar ou o flerte; o “uau” pode também indicar a surpresa ou a complexa engrenagem do romance e do desejo sexual pela outra pessoa (também expresso por emojis em formato de foguinho).

Dessa forma, a afetividade pode ser, nas mídias digitais, observada ou até mesmo medida por meio de engajamento. Esse é o importante código de afeto que foi considerado na análise das publicações, no trabalho mais amplo. Em postagens que tivessem um grande número de curtidas ou variado número de reações, buscamos categorizar e compreender diferentes tipos de afetos e seus diferentes graus de interação, bem como aquilo que podia ser bom ou ruim de acordo com a própria moralidade do grupo.

Outro código de afeto consistiu na dimensão textual das postagens, com uso de palavras que apontavam para alguma tentativa de vínculo entre os participantes do grupo. Termos como amiga ou amigo, namorada e namorado, casamento, namoro, amizade, relacionamento, sexo, querido ou querida, amor, lindo ou linda foram sempre mobilizados na tentativa de estreitar os laços, tentar algum tipo de flerte ou simplesmente tecer algum elogio.

A escolha desses termos se deu diante da incidência dessas palavras nas publicações e comentários. Ainda, vale ressaltar que a dimensão elogiosa das interações se mostrou quase que como uma obrigação da dinâmica do grupo. Quando as selfies são postadas, um conjunto grande de comentários são mobilizados de forma a tecer elogios: “*linda foto*”, “*que homem/mulher lindo/linda*”, “*que energia maravilhosa*”. Em que pese a diferença de número de interações entre fotos de homens e mulheres brancos e brancas, mais integrados a um certo padrão de corpo e beleza, é notável o esforço coletivo feito em cada foto, de tecer um conjunto de comentários elogiosos e motivacionais. Elogiar e comentar é a tônica do grupo.

Ademais, como dimensão da interação no grupo, notamos que existe o reforço de interações rápidas e absolutamente superficiais, o que pode dar indícios de um conjunto de fatores. Primeiro, que o grupo de *Facebook*, como ocorre grande parte das vezes, pode consistir em entrada para uma rede maior e mais íntima que incorpora grupos de *WhatsApp* ou de outros aplicativos de mensagens instantâneas, vinculados a agenda telefônica e que permitem acesso mais direto aos seus membros, assim como maior segurança na exposição de mensagem. Da mesma forma, a linha do tempo, único espaço de pesquisa acessado em nossa investigação, pode ocultar um conjunto de interações que ocorrem *inbox*, no privado e que podem culminar em encontros afetivos e sexuais mais diretos, sejam eles online ou face a face.

Por fim, mas não menos importante, as redes sociais como o *Facebook* incorrem em uma dinâmica que autoras como Jodi Dean apontam como estimulando fantasias de participação (2005). A autora, ao falar da dinâmica política e democrática, atravessada pela conexão em rede, afirma que a integração a um grupo definido por afinidade, soma-se à sensação de atividade política que se desenvolve ao compartilhar conteúdo. Isso culmina em uma forma despolitizante de percepção da política, precisamente pois não necessariamente reverbera em efeitos institucionais e mudança social.

Trazendo esse debate menos para a política, mas mais para as dinâmicas de afeto analisadas por nossa pesquisa, podemos concluir que a superficialidade de algumas interações na plataforma compõem um ecossistema de conexão feito para que as coisas se desenrolem dessa forma, ou seja, que façam preponderar a interação rápida. A ausência de profundidade nas trocas efetivadas são resultado não de sujeitos vazios ou fúteis, como poderia entender um olhar menos atento, mas da própria estrutura em rede, pouco afeita ao diálogo, ao estímulo às mensagens longas e ao hábito de obter resposta efetiva para demandas das mais diversas, sejam elas políticas, de reconhecimento, afetivas ou sexuais.

No grupo, algo que chama a atenção é a ausência de respostas aos comentários, que aparecem elencados um a um, direcionados à postagem principal, mas sem interação alguma entre eles. Apesar dessa ser a tônica mais efetiva do grupo, um conjunto de embates travados por meio de textos é evidente e intenso, fundamentalmente a respeito das questões que envolvem a sexualidade dos mais velhos. Nesse aspecto, os “textões” são vários e as interações bastante efusivas, como veremos adiante.

Mídias digitais, velhice e sexualidade

A crença na inexistência da sexualidade na velhice é compartilhada por idosos e não idosos (DEBERT, BRIGADEIRO, 2012). No grupo, no entanto, há diversas interações que contrariam tal percepção, refletindo a vivência da sexualidade de

tal população por meio de postagens e interações que evidenciam o que pode ser uma forma recente de viver a velhice, em um cenário de aumento da expectativa de vida (IBGE, 2023)⁷.

No dia 9 de fevereiro de 2023, na madrugada, uma usuária do grupo postou uma foto no espelho, em que ela aparece de short jeans curto, regata vermelha e um colete com estampa de cobra. Na cintura, um cinto com uma fivela grande e chamativa; as unhas pintadas de vermelho e, nos pés, um salto marrom. Branca e loira, tem um batom vermelho nos lábios. A decoração ao fundo traz dois violões, três bonés — um azul, um rosa e o último branco. Há ainda um chapéu de palha e uma placa de trânsito de “Pare”. O local no qual a foto foi realizada é um espelho de parede, e é possível ver uma cama com algumas roupas em cima, uma sandália, um guarda-roupa marrom e o celular da idosa, que contém uma capinha onde está um cartão e uma nota de vinte reais.

A legenda da foto diz: “Boa noite ... gente, tem mulher horrorizada por eu estar com essa roupa. Que fique bem claro, foi uma brincadeira, jamais saio na rua assim ..só coloquei porque no grupo não conheço ninguém.. bjs” (sic. N. L., 2023).

Acessando o perfil da usuária, é possível ver a publicação anterior que causou polêmicas. Nesta postagem, a foto é no mesmo lugar, com a mesma roupa. A diferença está na pose: agora, N. L. se mostra de perfil e inicia uma conversa no grupo: “Olá, grupo ...diz um Oi!” . O post tem 97 curtidas e 100 comentários.

Algumas usuárias discordam de tal comportamento no grupo. Uma mulher, também idosa, comenta: “Coloca uma roupa, coisa feia” (sic. C. R. A., 2023), mas a dona do post retruca: “a sua do perfil tá igual da pomba gira” (sic. N. L., 2023). Outra usuária indica que tais roupas não podem ser levadas a sério: “Brincadeira né?” (sic. A. S., 2023). Novamente, a autora da publicação rebate: “sim, mas se não fosse, ninguém tem nada a ver com a minha vida” (sic. N. L., 2023).

Os comentários dos homens demonstram interesse na usuária e trazem declarações românticas, que finalizam sempre com o convite para a conversa privada. A publicação deixa clara a expectativa que se tem das mulheres idosas, compartilhada por elas mesmas. O post gerou um conflito notável de se observar: a reflexão acerca da sexualidade na velhice pelas próprias pessoas idosas. O fato de usar um short curto trouxe conflitos e discussões entre as usuárias. Algumas membras reforçaram a ideia de que ela deveria se cobrir, não mostrar seu corpo.

No entanto, o poder sobre a própria sexualidade e suas vivências na velhice feminina também são expostos no grupo. Outro post, da mesma usuária, provoca: “Porque os homens perguntam às mulheres com mais de 60, se ainda fazem sexo? ... por que? Tá com medo de não dar conta?” (sic. N. L., 2021).

A publicação explode em reações, com quatrocentos e cinquenta e dois comentários, principalmente de mulheres que reforçam sua sexualidade na velhice. O encontro com a desgenitalização do corpo propicia uma reformulação da compreensão do sexo e de sua duração, tornando-se, desta forma, mais gratificante na velhice (DEBERT, BRIGADEIRO, 2012). Esta é a interpretação de uma usuária nos comentários: “Com 60 ou mais está viva e experiente, os homens que se cuidem! Nessa idade o sexo é mais saudável e completo” (sic. E. M., 2021). Outra usuária complementa: “Falo por mim, cheia de libido sim! Faço pompoarismo e arraso mesmo...” (sic. T. M., 2021).

Os homens se defendem, indicando que a velhice não significa o fim das atividades sexuais e de sua virilidade: “Se vocês mulheres pensarem isso de mim,

⁷ Desde 1940, início das estatísticas oficiais, onde a expectativa de vida no Brasil era de 45,5 anos, houve um crescimento de 30,9 anos em 2023, resultando na expectativa de 76,4 anos, a maior já registrada.

estão enganadas, estou bem forte pra namorar, porque eu me cuido muito bem, até todos os dias” (sic. J. M., 2021).

As postagens existentes no grupo são convidativas para a interação romântica. Os homens agem sobre sua liberdade sexual de maneira mais ativa, indo atrás de parcerias. Quando uma membro do grupo indica sua dificuldade com a plataforma, a resposta de um dos idosos é imediata: *“Ensino vc usar o Facebook e outras mil coisas, linda”* (sic. E. C., 2023).

No entanto, mesmo que em menor número, os comentários de julgamento sobre tratar de sexo na velhice existem: *“Para falar a verdade, galera, eu acho que eu vou sair desse grupo porque quando a gente quer respeito ninguém respeita a gente, muitas pessoas aqui é de boa conduta e outras só vem para fazer palhaçada”* (sic. F. S., 2021).

Idosos, independente do gênero, refletem a permanência da vivência da sexualidade na velhice, apesar das mudanças com a chegada da idade: *“O amor e sexo não acaba. Apenas se modifica com o tempo. Quando entendemos isso somos mais felizes. Bom dia a todos”* (sic. S. F., 2020).

As discussões acerca das afetividades da pessoa idosa são promovidas e acaloradas no grupo. Uma usuária traz uma pergunta *“O que vc sente mais falta, sexo ou companhia?”* (sic. N. L., 2023). A publicação teve 39 comentários e 13 reações. Do total de respostas, nove foram feitas por homens e 22 por mulheres. As respostas se mostram homogêneas na perspectiva masculina, onde todos responderam que sentem falta das duas coisas, e, entre as mulheres, os comentários se mostram mais heterogêneos: dez sentem mais falta da companhia, o mesmo número de usuárias consideram companhia e sexo como elementos que sentem falta e duas não souberam responder.

Diferenças de gênero são notáveis e discutidas na comunidade. Em uma publicação, o usuário M. M. reflete as perspectivas masculinas a respeito das mulheres.

Amamos sexo, mas julgamos as mulheres que também amam. 😞😞😞 Queremos ter filhos, mas não suportamos mulheres com seios caídos 😞😞 Assistimos filmes pornôs, mas julgamos as atrizes que os fazem. 😞😞 Praticamos adultério, mas queremos mulheres fiéis. 😞 Seguimos contas de mulheres nuas, mas achamos que elas não merecem respeito. 😞 Pensamos que somos os melhores, mas somos simplesmente hipócritas... 😞😞😞😞. (sic. M. M., 2023)

Outro usuário, contempla noções binárias tradicionais de gênero, atribuindo perspectivas moralizantes às mulheres.

Eu sempre respeito e tenho respeitado as mulheres em geral e hoje eu venho mostrar um erro enorme que a maioria das mulheres andam fazendo e contribuindo para desvalorização da sua tipificação feminina. Hoje todo o tipo de desrespeito às mulheres nas redes sociais e fora dela, são feitas por homens que vêem as mulheres como um produto de supermercado que tem preço e não valor. Um homem só te desrespeita e te trata mal se você permitir. Se você se porta e comporta de uma forma vulgar vestindo pouca roupa mostrando a bunda e os seios se é só por isso que você quer vista (as garotas de programa na Holanda ficam expostas nas vitrine à espera de seus clientes) assim estão hoje a maioria das mulheres, fazendo de seus corpos palco de exposição nas redes sociais. Perdendo a cada dia seu brilho é essência, não espere respeito de homens que só sabem te chamar de gostosa, de boazuda, manda zap e pedem nudes. Eles estão acostumados com mulheres como você, você não passará de um produto descartável que se usa e joga fora, amor nunca vai ter. uma grande mulher mostra sua essência usa a mente e não o corpo. Grandes mulheres atraem grandes homens e mulheres sem cérebro, maturidade e amor próprio só atrairão um bando de imbecis depravados, sem noção e sem conteúdo..... Por hoje é só.....Fica a dica BOM DIA. (sic. G. O., 2021)

A publicação de G. O., é um texto acompanhado de uma montagem com uma selfie. No fundo, a imagem é de um céu estrelado, com bastante luzes que direcionam ao centro, onde o autor do *post*, um homem branco, de cabelos e barba grisalhos, sorri. O autor da postagem usa um óculos de grau de armação cinza clara e um dólma branco. Com 28 comentários, todos feitos por mulheres, 34 reações também realizadas por elas, as percepções sobre a publicação são homogêneas: há uma concordância com as observações de G. O. e elogios à sua foto, que acompanhou a publicação.

Não são apenas os homens que tecem comentários refletindo as perspectivas de gênero, em uma postagem de M. V. de 2021, faz-se uma noção crítica aos comportamentos predatórios e incoerentes dos homens do grupo.

Estou saindo de todos os grupos de relacionamentos, pois os homens não querem nada sério, eles postam uma coisa e querem outra, eles não querem mulheres para compromissos, eles querem levar para a cama uma a cada dia da semana. Pedir vídeos, fotos íntimas e outras coisas mais como se mulheres fossem objetos. Achem que as mulheres que entram no grupo estão só para ir para a cama.

As discussões no grupo, abrangem uma gama de categorias que atravessam a velhice: sexo, afeto, gênero. E as postagens evidenciam que os conflitos não são pacíficos e comportam um eixo central de embate que circunda discrepâncias entre aqueles que buscam uma velhice comedida e recatada e aqueles que apostam em maior liberdade sexual. Tudo isso, claro, a partir de dinâmicas de gênero que opinam, fundamentalmente, sobre os corpos e vida das mulheres.

Os usuários d'O GRUPO estão interessados em ter envolvimento românticos e sexuais e em discutir tais temas. Gostam de refletir as mudanças que a terceira idade traz para as vivências afetivas. A postagem de 2021 de J. S. reflete a sociabilidade que o grupo desenvolve mediante tais categorias: "Homem ou mulher nestas idades não procuram só sexo, procuram sim um relacionamento de qualidade". A publicação explode em reações com 579 interações e 618 comentários. As respostas vêm majoritariamente das mulheres, poucos homens interagem na discussão. A maioria das idosas que respondem, concordam com o autor do *post*. Algumas indicam que o amor está condicionado principalmente ao companheirismo mas pode, sim, ser acompanhado de sexo, sendo visto como algo positivo como indica G. M.: "Verdade, o sexo é uma consequência, o que importa é, segurança, respeito e cumplicidade." (sic. 2020). Outra usuária concorda: "Dentro de um relacionamento de qualidade, sexo pode ser incluído sim. Mesmo nessa faixa etária é possível sim ter sexo." (sic. R. H., 2020).

O senso comum compreende que, na chegada à velhice, a sexualidade é interrompida, fundamentalmente, por uma ideia que a vincula ao sexo penetrativo, que envolve a ereção como pressuposto das relações heterossexuais. É fato que aspectos biológicos, como a menopausa e andropausa, causadas pela queda dos hormônios sexuais, possam ser causadores da diminuição das atividades sexuais entre os idosos. No entanto, tal diminuição não significa a extinção da sexualidade na velhice. Compreender que a chegada da diminuição dos hormônios sexuais representa o fim da vida sexual dos idosos é entender que o sexo só é possível a partir da genitalização dos indivíduos, replicando a heteronormatividade.

A sexualidade na velhice pode ser reinventada e desgenitalizada, principalmente para os homens que, diante da disfunção erétil, redescobrem seus corpos e os de seus companheiros ou companheiras. As interações presentes no grupo da terceira idade e o reforço constante de outras possibilidades sexuais — "claro que tem sexo, mas não é igual", "tem outras formas de sentir prazer na terceira

idade” — refletem diferentes formas de se pensar a sexualidade na velhice. A observação das conversas, fotos, elogios e reações, confirma que:

As expressões de afeto, as fantasias e o desejo de ser seduzido e seduzir estão presentes na vida dos velhos como em qualquer outra etapa da vida, embora nem sempre se apresentem da mesma forma. Resgatar o direito a uma vida sexual do velho implica poder pensar o amor em suas formas de transformação libidinal, ou seja, outras formas de amor, que passam pela ternura, pelos contatos físicos que erogenizam o corpo, como o olhar, o toque, a voz, redescobrimo as primeiras formas de amor do ser humano. (...) O velho não deixa de amar, mas reinventa formas amorosas. (DEBERT e BRIGADEIRO, 2012: 42)

A amizade, o romance e a sexualidade eram, até um tempo ainda recente de nosso passado histórico, entendidos como proibidos para a pessoa idosa. As ideias de que velho não sai para festas ou bailes, velho não dança, não namora, não flerta, não se diverte e, o mais importante, velho não transa, são o tempo todo tensionadas por discursos e práticas contemporâneas. Todas essas definições abrangem uma compreensão homogênea da velhice que não corresponde com a realidade plural e heterogênea da pessoa idosa, menos ainda com aquela expressa pelo grupo analisado no *Facebook*.

Em pesquisa realizada no município de São Paulo, no ano de 2006, 66,8% das idosas indicaram não ter vida sexual, com apenas 15,2% das mulheres apontando ter tido algum tipo de atividade sexual no último ano. No entanto, 69,1% das idosas mostraram-se satisfeitas com seu nível de atividade sexual. Entre os homens, 25,4% não tinham vida sexual, 51,6% mantiveram algum tipo de atividade sexual no último ano e 58,7% se encontravam satisfeitos com o nível de atividade sexual (OPAS, 2006).

O sexo está presente na velhice, porém, tem diferentes significados para os homens e mulheres, aspecto que também aparece no grupo. Compreendido enquanto mais uma das funções da mulher, o sexo é encarado, muitas vezes, enquanto uma obrigação reprodutora e de submissão ao homem, como apontado por alguns *posts* trazidos no texto onde o tom da escrita caminhava no sentido de dizer que “mulheres não se valorizam ao expor sua sexualidade”.

Um tabu para as mulheres, o sexo não era, muitas vezes, enxergado enquanto uma possibilidade de prazer, não apenas diante da proeminência significativa cristã, mas também dos dispositivos de poder de gênero. Relegadas ao tabu, o prazer feminino é enxergado enquanto uma descoberta silenciosa e independente. A orientação sexual para as idosas era função médica ou religiosa, não familiar (LIMA, OLIVEIRA DUARTE e LEBRÃO, 2009). Aos homens, a função reprodutora não é lembrada; o prazer é tema central e requerido ao falar sobre sexo.

No entanto, a experiência acompanhada n’O GRUPO, descarta a possibilidade de um envelhecimento com a ausência de escolhas, vivências e sexualidade ou um envelhecimento homogêneo. Os idosos do grupo demonstram interesse em protagonizar suas escolhas, suas vivências e sua própria sexualidade, desgenitalizada ou não. O grupo se coloca enquanto espaço para o desenvolvimento de suas sociabilidades através da amizade, mas também das interações românticas e sexuais, contrariando qualquer expectativa de passividade desse público.

Considerações finais

Como observado por Guita Grin Debert (1999), os velhos são sempre os outros. Os idosos brasileiros, fundamentalmente aqueles acompanhados por essa pesquisa, não se identificam facilmente com definições fixas do que seja a velhice.

O Grupo torna evidente uma série de conflitos e negociações em torno do que se entende como este momento da vida, a chamada terceira idade. Nada é ponto pacífico. A ideia de uma velhice estagnada, doente, dependente, cuja sexualidade ficou no passado não encontra correspondência nas falas e ações do grupo.

Da mesma forma, não é ponto livre de embates o que seria a velhice ideal para homens e mulheres, uma vez que os conflitos observados mostram uma extensa negociação entre aquilo que parecia ficar no passado e aquela que seria a nova imagem de uma pessoa idosa, no nosso contexto. O Grupo, como interação atravessada por dinâmicas de gênero e sexualidade, deixa claro que discursos binários, que situam as mulheres em lugar de passividade, desprovidas de sexualidade, competem em igual medida com falas de caráter emancipatório, que pensam a sexualidade feminina como cheia de possibilidades na terceira idade. Esses discursos são acompanhados de um aparato imagético composto por roupas curtas, batons, músculos, selfies em academias, estampas, cenários festivos, para mencionar alguns exemplos.

Diante das diversas discussões realizadas no grupo, observa-se que as mídias digitais são produzidas com espaços direcionados à interação e promovem não somente a sociabilidade das pessoas idosas, mas intensificam o agenciamento de sua identidade, refletindo seu espaço social. Na apresentação do grupo, na aba sobre, há a indicação de que tal identidade é o aglutinador destes usuários “*É SOBRE: A vida, os direitos, o respeito, os cuidados, a paciência e o amor que se deve dispensar aos componentes da terceira idade*” (O GRUPO, 2025).

As discussões acerca de algumas categorias que atravessam a experiência da velhice, isto é, a sociabilidade, o romance, o que é ser uma mulher idosa ou um homem idoso, o sexo e a própria noção de pessoa idosa, são pontos de engajamento constante, por meio de debates.

A pesquisa contribuiu, assim, para compreender como a relação entre envelhecimento e mídias digitais revela um complexo sistema de interações, exposições e conflitos em comunidades online, evidenciando os desafios de um país que envelhece precocemente (IBGE, 2024). Nesse sentido, o reforço dos estereótipos do passado acerca da velhice precisam ser repensados, assim como uma certa noção constituída recentemente de que idosos em rede servem somente para compartilhar desinformação e *fake news*. Posições etaristas, mobilizadas inclusive pelo campo da política progressista, nos impedem de construir olhares de pesquisa capazes de acessar as sociabilidades em rede de idosos, assim como lidar com grupo social, que aumenta em números e que pode representar em um futuro não tão distante, a maioria da população brasileira.

Recebido em 29 de abril de 2025.
Aprovado em 25 de agosto de 2025.

Referências

- PENHA ABREU CASSIMIRO, Marina. *Comportamento dos idosos diante das falsas notícias sobre saúde compartilhadas nas redes sociais virtuais*. Dissertação de Mestrado, Gerontologia – Universidade Federal de Pernambuco, 2022.
- CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (CETIC.br). *Panorama setorial da internet no Brasil: ampliado – março de 2019*. São Paulo: Cetic.br, 2019.
- CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (CETIC.br). *Cresce o uso de Internet durante a pandemia e número de usuários no Brasil chega a 152 milhões, é o que aponta pesquisa do Cetic.br*. 2023. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- CIPOLLI, G. C.; FALCÃO, D. V. da S. Relações sociais, cognição na doença de Alzheimer: revisão sistemática. *Psico*, 48 (4): 329-38, 2017.
- DEAN, J. Communicative capitalism: circulation and the foreclosure of politics. *Cultural Politics*, 1 (1): 51-74, 2005.
- DEBERT, G; BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27 (80): 37-54, 2012.
- DEBERT, Guita. *A reinvenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo 1999.
- DUQUE, Marília. *Ageing with Smartphones in Urban Brazil: a work in progress*. Londres: UCL Press, 2022.
- FERREIRA, M.; ALVES, V. Representação social do idoso do Distrito Federal e sua inserção social no mundo contemporâneo a partir da Internet. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14 (1): 699-712, 2011.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para a internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GOLDENBERG, Miriam. O paradoxo do sexo. *Folha de S. Paulo*, 26 de abril de 2023.
- HENRIQUE, P. Você sabe o que é gashapon? Máquinas de brindes surpresa são febre no Japão. *Portal UOL*, 25 de novembro de 2015.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2023*. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2024*. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2022*. Rio de Janeiro, 2022.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro, 2024.

- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *Idosos em situação de isolamento social: uma abordagem macrossetorial*. Brasília: IPEA, [s.d.].
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *Plataformas digitais: mapeamento semissistemático e interdisciplinar do conhecimento produzido nas universidades brasileiras*. Brasília, IPEA, 2023.
- LIMA, C. ; OLIVEIRA, Y.; LEBRÃO, M. Gênero, sexualidade e envelhecimento. *Saúde Coletiva*, 6 (30): 109-12, 2009.
- LUPTON, Deborah. *Digital sociology*. Londres: Routledge, 2014.
- MARTINO, Luis. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MENEZES, Lina. A pessoa idosa no combate às fake news. *Mais 60: estudos sobre envelhecimento*, 33 (83): 26-39, 2022.
- MINAYO, Marília.; COIMBRA JUNIOR, C. (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.
- RODRIGUES, C.; DUARTE, Y.; LEBRÃO, M. Gênero, sexualidade e envelhecimento. *Saúde Coletiva*, v. 6, n. 30. São Paulo: Editorial Bolina, 2009.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20 (2): 71-99, 1995.

ACENO
REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

*A Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste
recebe o ano inteiro, em*

**FLUXO CONTÍNUO,
artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).**

*Interessados na submissão de trabalhos e
também em atuar como
pareceristas
podem realizar seus cadastros em*

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno>

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso